

Renato Tapado

# AREIAS

(poemas)

Ilha de Santa Catarina

*Eu sinto o que me será sempre inacessível.*

Clarice Lispector, *Um sopro de vida*.

1

água do mar, estrela límpida, pegadas  
o azul cai, aqui não há ninguém  
(letras perdidas na areia)

3

2

entre o mar e as árvores  
um minideserto  
(daqui é imenso)

4

3

no meio do deserto  
só vento, arbustos, pó

5

e estou repleto

4

navego há cem noites

6

a gaivota pousa o sol nascente  
terras oblíquas

5

7

o barco, imóvel, balança  
a gaivota grita em silêncio  
eu abro o caderno

pão de centeio e chá  
a porcelana branca, um filete de luz  
não há nada a fazer amanhã

7

o pássaro pára  
no silêncio da chuva  
a gramínea dança

10

8

algo vejo aqui  
na chuva do Rio Vermelho  
(mas já perdi)

11

9

dia cor de chumbo:  
no mar verde-musgo  
o passo da garça

12

10

silêncio nos galhos  
só a coruja lança um grito  
e fecha meus olhos

13

11

é no mar que eu vejo  
que as coisas são azuis  
como não posso ser

14

12

ventania, cheiro de águas  
janelas e portas batendo  
(atrás da vidraça espero)

15

13

tempo para esperar:  
daqui vislumbro, perdido,  
um floco de neve

16

14

fugaz companhia:  
no lago imóvel  
o salto do peixe

17

15

sem dor ou palavra  
se aproxima sem armas  
o beija-flor

18



16

imóvel, à espreita  
mascando a fome ínfima  
a lagartixa

20

17

noite sem lua:  
apago as luzes  
para enxergar alguém

21



18

lua quase nascendo:  
em breve serei outro  
alguém estranho, eu mesmo

23

19

deserto:  
a luz da lua sobre a telha  
e tudo se esclarece

24

20

diante da mata  
o grito da aracuã  
- e não escrevo nada

25

21

o dia cinza  
o tempo todo para preencher  
(as mãos vazias)

26

22

viro a página  
tantas árvores, ninguém  
desperdício de folhas

27

23

diante do ruído do mar  
e dos gritos das gaivotas

28

me escuto

24

tarde de vento sul

29

o pássaro pousa no barco branco  
(mas logo parte com fome)

25

30

as folhas suportam o vento  
os pássaros suportam a chuva  
(da minha janela escrevo)

o tempo austral é longo  
(a gaveta aberta, o fogão aceso)  
pela telha quebrada chove

27

pensei ser noite  
quando quis acender a vela  
e era

33

28

um cão esteve aqui  
ossos espalhados, conchas  
(algo ainda vive)

34

29

a praia de doze quilômetros  
doze graus acima de zero  
siris irrisórios

35

30

fora da janela o grilo  
o copo de vinho vazio  
cozinha cheia de silêncio

36

31

sobe a fumaça do café  
o teto é uma constelação  
(a bússola quebrada)

37

32

o rádio toca algo ao longe  
(abrigo de lã e nylon)  
talvez, no céu cinzento, um pássaro

38

33

o bar cheio, as vozes altas  
ruídos de vidros e de passos  
(lá fora o silêncio)

39

34

no trapiche vazio e úmido  
espero o vento passar  
(e a noite não passa)

40

35

barcos se movem na neblina:

aqui algo partiu

(e tento me lembrar)

41

36

são oito horas e desperto  
lá fora o frio anima a solidão  
carrego neve nas mãos

42

37

água do rio a zero grau  
minhas mãos, imóveis, doem  
escuto o salto da truta

43

38

montanhas de gelo  
página branca, um floco que cai  
(e algo me cala)

44

39

pesco todas as tardes

no mar inquieto

acumulo perdas

45

40

diante da montanha  
só escuto a chuva

46

e não digo palavra

41

sem dor, sem amanhã

47

só com a chuva e a montanha  
o martim-pescador

42

a montanha imóvel

a gaivota fugaz

o mar à espera

49

43

na beira da praia  
tento me lembrar  
o que nenhuma gaivota esquece

50

44

floresta e lago escuros  
na chuva fria da tarde  
só um pássaro

51

45

o mar e eu intactos  
nem sempre o peixe salta  
permaneço à espera

52

46

a ostra e seu silêncio  
escuto o ruído das ondas

53

e me calo

47

a água batendo nas pedras  
meu corpo diante do mar

54

gaivota muda, página branca

48

55

o charuto aceso, o café no fim  
de leste a oeste o céu é cinza  
(o papel em branco)

a coruja desperta o vento sul  
a noite violeta, a geladeira vazia  
na mesa a folha de papel

o barco parado e suas luzes  
tremendo na água escura  
(e eu, aqui, à espera)

51

nada me detém  
campo, montanha ou lago  
mas paro

59

52

no caminho de areia  
percebo que não tenho  
os pés no chão

60

53

lua, céu enorme, duas horas  
eu tenho insônia  
enquanto o tempo dorme

61

54

nessa paisagem  
tudo tem um fim  
que não quero encontrar

62

55

lua minguante  
minha língua não sabe  
o gosto da noite

63

56

preparo meu café  
programo meu dia  
e tudo me escapa

64

57

é lua cheia  
esqueço o dia de ontem  
(e amanhã?)

65

58

além da estrada de terra  
só há ausência  
então começo a andar

66

59

não sei que horas são  
mas tenho o que fazer  
carrego pedras

67

60

o gato adormecido  
sem paixão sonha  
e eu desperto

68

61

abro o caderno em branco  
olho a praia interminável  
e digo adeus

69

62

tudo vai embora  
foge, fogo  
queimo meus dedos

70

63

montanhas na penumbra  
silêncio na lagoa escura  
e eu passo, inquieto

71

64

mar negro, montanhas escuras  
ao longe apenas uma luz  
aqui meus olhos brilham

72

65

quarto de madeira, janela, tormenta  
o barulho da água no telhado  
a página seca

73

66

caminhos de terra, pedras, bússola  
no mapa não vejo um final  
então começo

74

67

noite de frio e silêncios  
o fogão à lenha estala  
lanço papéis ao fogo

75

68

o dia amanhece  
tenho os olhos pesados  
não vejo a hora de partir

76

69

na noite imóvel  
só escuto passos mínimos  
pegadas de gato no papel

77

70

passarinho faz caca  
no vôo sobre a página  
palavra que cai

78

71

lá fora a ventania  
aqui, com a chama acesa,  
a página treme

79

72

bar fechado  
a maré repete o mar  
(eu, lápis na mão, bocejo)

80



73

no mar vai anoitecer  
não fiz nada o dia inteiro  
e tudo parece tarde demais

82

74

os telhados são cor-de-barro  
as andorinhas azuis  
(lá embaixo nada me espera)

83

75

entre o mar azulado  
e o céu cor-de-fogo  
eu, a lua e a estrela

84

76

no sul eu pouco falo  
e no inverno se intercala  
o grito da gralha azul

85

77

estrada de terra  
ruído do rio passando  
o resto é silêncio

86

78

tirando água do barco  
o homem me lembra  
que não tenho o mar

87

79

na sombra do jasmim  
o desenho de um perfume  
me lembra o que perdi

88



80

relâmpago fugaz  
minha memória acolhe  
o instante – e nunca mais

90

81

estalo na fogueira  
desperto e não percebo  
que é um sonho – ou era

91



82

barulho de cachoeira  
nada permanece  
nada vai embora

93

83

o carteiro não chega  
então aproveito  
para escrever

94